



INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE  
ECONOMIA, SOCIEDADE E POLÍTICA  
(ILAESP)

**FILOSOFIA-LICENCIATURA**

**DO EPISTEMICÍDIO AO DESAFIO DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA NO CURSO DE  
FILOSOFIA DA UNILA: NARRATIVAS DA COLONIZAÇÃO E PERSPECTIVAS DO  
PENSAMENTO NEGRO**

**FERNANDA MARINHO DE SOUSA**

Foz do Iguaçu  
2024



INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE  
ECONOMIA, SOCIEDADE E POLÍTICA  
(ILAESP)

**FILOSOFIA-LICENCIATURA**

**DO EPISTEMICÍDIO AO DESAFIO DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA NO CURSO DE  
FILOSOFIA DA UNILA: NARRATIVAS DA COLONIZAÇÃO E PERSPECTIVAS DO  
PENSAMENTO NEGRO**

**FERNANDA MARINHO DE SOUSA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Economia, Sociedade e Política da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Filosofia.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Idete Teles

Foz do Iguaçu  
2024

FERNANDA MARINHO DE SOUSA

DO EPISTEMICÍDIO AO DESAFIO DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA NO CURSO DE  
FILOSOFIA DA UNILA: NARRATIVAS DA COLONIZAÇÃO E PERSPECTIVAS DO  
PENSAMENTO NEGRO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Economia, Sociedade e Política da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Filosofia.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientador: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Idete Teles  
UNILA

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Juliana Franzi  
UNILA

---

Prof<sup>o</sup>. Dr<sup>o</sup> Waldemir Rosa  
UNILA

Foz do Iguaçu, 19 de abril de 2024.



## **DEDICATÓRIA**

Ao geógrafo e amado companheiro, Sérvolo Aimoré-Botocudo, o qual, expresso minha profunda gratidão e por seu significativo incentivo em minha decisão de ingressar no curso de Filosofia.

À minha irmã, Andréia Marinho, em reconhecimento e gratidão, por ser sempre meu pilar, além de minha querida amiga e confidente.

À minha família, especialmente minha mãe Maria José, manifesto meu amor incondicional e eterna gratidão.

Aos meus avós, Rosalina Maria Góis e José Ferreira Góis, onde quer que estejam sou grata pela educação que sempre me proporcionaram.

À toda minha ancestralidade com profundo respeito e reconhecimento de suas contribuições em minha vida.

Ao Amigo Marcelo Arruda que tão cedo, teve sua vida ceifada pelo ódio Político, motivado pelo fascismo e nazismo, que foi instaurado durante o governo de 2019 a 2022.

## AGRADECIMENTOS

Inicialmente, expresso minha sincera gratidão à minha orientadora, Idete Teles, não apenas por sua orientação crucial durante esta fase de conclusão do curso, mas também por seu papel não convencional, indo além do ensino em sala de aula, e ao me guiar no âmbito da iniciação científica. Alguém que cultivarei uma relação de amizade duradoura, ao longo de toda a minha vida.

Ao amigo Reinaldo Cruz e sua esposa Martha, expresso minha profunda gratidão pela amizade constante, apoio e assistência sempre presente nos momentos de dificuldade e ao longo da minha jornada acadêmica.

Ao amigo Dilto Vitorassi, à amiga Rosa Santos, por todo apoio obtido em minha jornada.

Agradeço à minha amiga, Rafaela Nascimento, pela amizade duradoura e pela cumplicidade que temos compartilhado ao longo de nossa trajetória acadêmica. Que nossa amizade se estenda para além dos anos de graduação, acompanhando-nos em todos os momentos de nossas vidas.

Aos amigos queridos, e pelo carinho prestado, sempre que precisei, Cristiano Kieling e seu companheiro Claudio Renato de Camargo Melo.

Aos professores de Filosofia, cujas contribuições foram fundamentais para o meu desenvolvimento acadêmico. Entre eles, destaco Miguel Antônio Ahumada Cristi, Juliana Franzi, Luciana Melo Ribeiro, Maria Luz Mejias Herrera, Napoleão Schoeller de Azevedo Junior, Tito Alencar Flores, Johnny Octavio Obando Moran, Gonzalo Patricio Montenegro, Gilmar José de Toni, Carlos Francisco Bauer e João Roberto Barros, Nardeli do Ilaesp. Além disso, agradeço aos professores das disciplinas optativas, Miriam Santos Ribeiro, Waldemir Rosa e Felipe Cordeiro de Almeida, pela dedicação e pelo compartilhamento de conhecimento ao longo do meu percurso acadêmico. Aos colegas da minha turma de 2017.

Expresso minha gratidão a família de Axé, Ilê Igà Odè, aos meus Orixás e aos guias protetores, cujo apoio e orientação espiritual, foram fundamentais em minha jornada.

Reitero meus agradecimentos aos citados na dedicatória.

“A Universidade precisa aprender uma lição que não está nos livros de filosofia ou nas grandes teses, ela precisa saber o que é ser negro! E só nós podemos ensiná-la”.

**Stephanie Ribeiro, edição 2 Revista DR 2015.**

SOUSA, Fernanda Marinho. **Do Epistemicídio ao Desafio da Educação Inclusiva no curso de Filosofia da Unila: Narrativas da Colonização e Perspectivas do Pensamento Negro**. 2024. P.41, Trabalho de Conclusão de Curso (Filosofia) Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2024.

## RESUMO

Neste artigo apresentamos e problematizamos a temática de um possível epistemicídio negro no curso de Filosofia-Licenciatura da Universidade Federal da Integração Latino-americana (UNILA). Para tanto, realizamos um estudo de revisão bibliográfica mobilizando autores/as, tal qual, conceitos, como epistemicídio por exemplo, que nos embasam e nos ajudam a problematizar e estabelecer nossa análise da temática em apreço. Junto à revisão bibliográfica, tomamos o Projeto Pedagógico do Curso de Filosofia da Unila (vigente desde 2018), fazendo um recorte de disciplinas consideradas por nós ilustrativas de como se apresenta a formação de docentes em filosofia no contexto da Unila. Assim, foram utilizadas como ponto central para essa análise, as disciplinas que trabalham a história da filosofia Ocidental, a epistemologia, a ética e a política. Na pesquisa, procuramos pensar a formação de docentes de filosofia na Unila e sua futura atuação na educação básica, tomando como recorde específico de reflexão teórica filosófica questões em torno da ausência da produção intelectual negra na referida formação. Por conseguinte, a pesquisa teve como propósito investigar a possível manifestação do epistemicídio negro no contexto da formação dos/as futuros/as professores/as do curso de Filosofia-licenciatura (UNILA). Tal investigação se concentrou na análise de disciplinas selecionadas no que se refere a ementa e composição da bibliografia obrigatória destas. Após uma análise crítica desses elementos, observou-se uma discrepância significativa, tanto na epistemologia transmitida quanto na representatividade dos/as autores/as, os/as quais, em sua maioria, refletem uma perspectiva branca e eurocêntrica. Notou-se a ausência de intelectuais negros na bibliografia dada, bem como a negação de conhecimentos produzidos por intelectuais negros e negras.

**Palavras-chave:** Epistemicídio Negro, Filosofia/UNILA, Intelectuais Negros/as, Ocultamento Epistemológico.

**SOUSA, Fernanda Marinho. Do Epistemicídio ao Desafio da Educação Inclusiva no curso de Filosofia da Unila: Narrativas da Colonização e Perspectivas do Pensamento Negro. 2024. P.41, Trabalho de Conclusão de Curso (Filosofia) Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu,2024.**

## **RESUMEN**

En este artículo presentamos y problematizamos la temática de un posible epistemicidio negro en el curso de Filosofía-Licenciatura de la Universidad de la Integración Latinoamericana (UNILA). Para ello, realizamos un estudio de revisión bibliográfica movilizand o autores/as, así como conceptos, como el epistemicidio por ejemplo, que nos fundamentan y nos ayudan a problematizar y establecer nuestro análisis de la temática en cuestión. Junto con la revisión bibliográfica, consideramos el Proyecto Pedagógico del Curso de Filosofía de la UNILA (vigente desde 2018), haciendo un recorte de disciplinas consideradas por nosotros ilustrativas de cómo se presenta la formación de docentes en filosofía en el contexto de la UNILA. Así, fueron utilizadas como punto central para este análisis, las disciplinas que trabajan la historia de la filosofía Occidental, la epistemología, la ética y la política. En la investigación, procuramos pensar la formación de docentes de filosofía en la UNILA y su futura actuación en la educación básica, tomando como referencia específica de reflexión teórica filosófica cuestiones en torno a la ausencia de producción intelectual negra en dicha formación. Por consiguiente, la investigación tuvo como propósito investigar la posible manifestación del epistemicidio negro en el contexto de la formación de los/as futuros/as profesores/as del curso de Filosofía-Licenciatura (UNILA). Tal investigación se concentró en el análisis de disciplinas seleccionadas en lo que se refiere a la malla curricular y composición de la bibliografía obligatoria de estas. Después de un análisis crítico de estos elementos, se observó una discrepancia significativa, tanto en la epistemología transmitida como en la representatividad de los/as autores/as, los/as cuales, en su mayoría, reflejan una perspectiva blanca y eurocéntrica. Se notó la ausencia de intelectuales negros en la bibliografía dada, así como la negación de conocimientos producidos por intelectuales negros y negras.

**Palabras clave:** Epistemicidio negro, Filosofía/UNILA, Intelectuales negros, Ocultamiento epistemológico.

**SOUSA, Fernanda Marinho. Do Epistemicídio ao Desafio da Educação Inclusiva no curso de Filosofia da Unila: Narrativas da Colonização e Perspectivas do Pensamento Negro. 2024. P.41, Trabalho de Conclusão de Curso (Filosofia) Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu,2024.**

### **ABSTRACT**

In this article, we present and problematize the theme of a possible black epistemicide in the Philosophy-Teaching course at the University of Latin American Integration (UNILA). To do so, we conducted a literature review study mobilizing authors and concepts, such as epistemicide, which underpin and help us to problematize and establish our analysis of the theme at hand. Alongside the literature review, we consider the Pedagogical Project of the Philosophy Course at UNILA (in force since 2018), focusing on disciplines considered illustrative of how teacher training in philosophy is presented in the context of UNILA. Thus, disciplines dealing with the history of Western philosophy, epistemology, ethics, and politics were used as the central point for this analysis. In our research, we aimed to consider the training of philosophy teachers at UNILA and their future role in basic education, with specific theoretical philosophical reflection on issues surrounding the absence of black intellectual production in said training. Consequently, the research aimed to investigate the possible manifestation of black epistemicide in the context of the training of future teachers of the Philosophy-Teaching course (UNILA). This investigation focused on the analysis of selected disciplines regarding their syllabus and mandatory bibliography composition. After a critical analysis of these elements, a significant discrepancy was observed, both in the transmitted epistemology and in the representativeness of the authors, who mostly reflect a white and Eurocentric perspective. The absence of black intellectuals in the given bibliography was noted, as well as the denial of knowledge produced by black intellectuals

**Key words:** Black Epistemicide, Philosophy/UNILA, Black Intellectuals, Epistemological Concealment.

## SUMÁRIO

<b>1. REFLEXÕES TEÓRICAS INICIAIS .....</b>	<b>12</b>
<b>2. DESAFIOS E PERSPECTIVAS PARA UMA DIVERSIDADE EPISTÊMICA NA UNIVERSIDADE COM BASE NO CURSO DE FILOSOFIA-LICENCIATURA DA UNILA.....</b>	<b>19</b>
<b>3. EPISTEMICÍDIO NEGRO E A PERSPECTIVA NA FORMAÇÃO DE EDUCADORES: UMA ANÁLISE DO PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE FILOSOFIA-LICENCIATURA/UNILA.....</b>	<b>23</b>
<b>4. REFLEXÕES FINAIS.....</b>	<b>30</b>
<b>5. BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>34</b>
<b>6. ANEXO.....</b>	<b>37</b>

## 1- REFLEXÕES TEÓRICAS INICIAIS

Esta pesquisa consistiu em uma revisão bibliográfica e análise do Projeto Pedagógico do Curso de Filosofia da UNILA, em vigor desde 2018. A abordagem adotada envolveu a leitura seletiva de textos, priorizando autores/as negros/as, para contextualizar e discutir o material bibliográfico à luz do conceito de epistemicídio negro. Além disso, a pesquisa foi conduzida por meio de diálogos entre a orientanda e a orientadora, embasados em fontes bibliográficas e na produção de textos. As conclusões e resultados teóricos foram gradualmente construídos ao longo desse processo. As análises críticas das disciplinas do PPC, foram realizadas com um enfoque em aspectos considerados ilustrativos pela equipe de pesquisa.

Quando observamos a educação no Brasil mais a fundo, passamos a ter uma percepção de que pouco ou quase nada sobre culturas negras, ou autores/as negros/as são incorporados nos currículos escolares, particularmente no que se refere ao ensino de história e cultura afro-brasileira e africana, posta pela Lei 10.639/2003 e alterada pela Lei 11.645/08. Referida constatação é crucial para uma compreensão completa na formação do que é o Brasil hoje. Nesse contexto, é relevante ressaltar que, como estudante e futura professora de filosofia, esta pesquisa bibliográfica e análise do Projeto Pedagógico de Curso de Filosofia da Unila, torna-se parte importante de minha formação como docente de filosofia em uma perspectiva crítica de reflexão sobre minha própria prática como educadora. Conseqüentemente, percebemos o quão é importante o processo de alteridade desde o início do curso até sua conclusão, pois esse processo é fundamental para todos os agentes envolvidos, especialmente, para que os/as futuros/as educadores/as possam fomentar maior igualdade e diversidade no contexto da educação básica.

O apagamento dos conhecimentos e culturas não europeias, é um projeto histórico associado à colonização, visando estabelecer o conhecimento eurocêntrico como único e legítimo. Isso resultou no sistemático apagamento dos saberes dos povos negros ao longo do tempo. Esse fenômeno abrange a exclusão do conhecimento produzido por indivíduos negros/as em diversos setores da sociedade brasileira, inclusive na educação. Portanto, uma narrativa se construiu predominantemente sendo contada sob uma perspectiva eurocêntrica, excluindo e negando a contribuição forçada e significativa dos povos negros e escravizados durante o processo de colonização no país.

O advento da colonização no Brasil, veio carregado de uma imposição hegemônica e autoritária, excluindo conhecimentos de nativos já existentes, como aqueles

dos povos originários, bem como, desconhecendo e ignorando os saberes dos povos africanos escravizados, causando um verdadeiro epistemicídio.

Boaventura de Sousa Santos, foi quem primeiro concebeu o termo epistemicídio, conforme propõe:

A este modo chamo fascismo epistemológico porque constitui uma relação violenta de destruição ou supressão de outros saberes. Trata-se uma afirmação de força epistemológica que oculta a epistemologia da força. O fascismo epistemológico existe sob a forma de epistemicídio cuja versão mais violenta foi a conversão forçada e a supressão dos conhecimentos não ocidentais levadas a cabo pelo colonialismo europeu e que continuam hoje sob formas nem sempre mais subtis (Santos, 2009, p. 468).

Ao argumentar a supressão dos conhecimentos locais por uma imposição do conhecimento externo, Santos mostra uma frequente associação ao colonialismo e à imposição cultural. Historicamente, compreende-se que as potências coloniais impuseram suas próprias estruturas de conhecimento sobre as sociedades colonizadas, desta forma, a eliminação dos sistemas de conhecimento locais e, dos saberes dos povos escravizados, promoveram uma narrativa de supressão, controle, superioridade cultural e intelectual do colonizador sobre o colonizado, causando assim, impactos duradouros na sociedade até os tempos atuais.

o genocídio que pontuou tantas vezes a expansão europeia foi também um epistemicídio: eliminaram-se povos estranhos porque tinham formas de conhecimento estranho e eliminaram-se formas de conhecimento estranho porque eram sustentadas por práticas sociais e povos estranhos. Mas o epistemicídio foi muito mais vasto que o genocídio porque ocorreu sempre que se pretendeu subalternizar, subordinar, marginalizar, ou ilegalizar práticas e grupos sociais que podiam ameaçar a expansão capitalista ou, durante boa parte do nosso século, a expansão comunista (neste domínio tão moderno quanto a capitalista) (Santos, 1995, p. 283).

Santos, refere-se à existência de uma abordagem que exclui de forma autoritária e violenta em relação ao conhecimento, destacando o epistemicídio, que é a destruição sistemática de formas de conhecimento não ocidentais. Santos argumenta que o genocídio ocorre sobre a manifestação contundente durante a colonização na América Latina, na imposição violenta do mundo ocidental, sobre outras culturas, nesse sentido, temos como resultado, a subalternização, a marginalização dos saberes, a conversão forçada e a eliminação ativa dos conhecimentos dos povos africanos e de origem africana, provocando assim o epistemicídio negro.

Contudo, é possível observar que, embora o método de colonização e a

imposição de crenças e saberes, tenham “aparentemente, diminuído”, ao longo do tempo, ainda persiste de forma dissimulada, o que se pode chamar de fascismo epistemológico. Este fenômeno sugere que, atualmente existe uma imposição silenciosa, profunda e impactante, de um único sistema de conhecimento sobre outros. Isso implica que, na sociedade contemporânea, há uma continuação da marginalização e da negação dos saberes locais e das perspectivas culturais não hegemônicas.

Segundo Almeida (2020), a desumanização e o racismo são atos que perduram em tempos atuais, embasando a discriminação e o genocídio. A persistência da desumanização e do racismo na sociedade contemporânea, destaca uma necessidade premente de um confronto e desconstrução dessas formas de opressões. E um meio para que isso possa acontecer é por via de uma educação igualitária e justa. Assim sendo, a luta contra o epistemicídio negro não é apenas uma reivindicação por justiça e reconhecimento, mas também representa uma busca incessante por uma transformação social significativa. Trata-se de um chamado para o reconhecimento e o respeito à diversidade de saberes e experiências culturais dos povos afro-brasileiros.

Ao desafiar a imposição unilateral de um sistema de conhecimento, essa luta busca promover a valorização e a inclusão das diferentes vozes e perspectivas, enriquecendo assim o tecido social, cultural e intelectual de forma mais ampla e inclusiva.

Para a concretização de uma hegemonia branca e europeia, foi necessário um apagamento e silenciamento de saberes produzidos por pessoas negras, ao longo da história brasileira e da América Latina, além da inversão de valores e culturas do não-ser (colonizado) para afirmar a existência e o poder do ser (colonizador), caracterizando assim o "epistemicídio negro". Sueli Carneiro;

Para nós, porém, o epistemicídio é, para além da anulação e desqualificação do conhecimento dos povos subjugados, um processo persistente de produção da indigência cultural: pela negação ao acesso à educação, sobretudo de qualidade; pela produção da inferiorização intelectual; pelos diferentes mecanismos de deslegitimação do negro como portador e produtor de conhecimento e de rebaixamento da capacidade cognitiva pela carência material e/ou pelo comprometimento da auto-estima pelos processos de discriminação correntes no processo educativo (Carneiro, 2005 p. 97).

Carneiro, argumenta que o epistemicídio não é apenas a anulação e desqualificação do conhecimento dos povos subjugados, mas também, um processo contínuo de produção da pobreza cultural. Isso ocorre de várias maneiras: a primeira é negando o acesso à educação de qualidade: A falta de acesso à educação adequada

impede que os povos subjugados desenvolvam plenamente suas habilidades cognitivas e intelectuais; já a segunda trata da produção da inferiorização intelectual: por meio de diferentes mecanismos, como estereótipos e preconceitos, os povos subjugados são constantemente colocados em uma posição de inferioridade intelectual, minando sua confiança e capacidade de buscar conhecimento; em terceiro a deslegitimação do negro e da negra como portadores e produtores de conhecimento: a negação do valor do conhecimento produzido por pessoas negras contribui para a desqualificação de suas perspectivas e contribuições intelectuais, por fim, o rebaixamento da capacidade cognitiva pela carência material e/ou pelo comprometimento da autoestima: A falta de recursos materiais e os processos de discriminação presentes no ambiente educacional podem comprometer a autoestima dos subjugados e prejudicar sua capacidade de aprendizado.

Ao desqualificar as formas de conhecimento dos povos dominados, o epistemicídio também os desqualifica como sujeitos cognoscentes, privando-os da capacidade de alcançar o conhecimento "legítimo" ou aceito pela sociedade dominante. Isso afeta profundamente sua racionalidade e capacidade de aprendizado, resultando em uma espécie de "morte" da capacidade cognitiva do subjugado ou em seu sequestro. Em suma, aos olhos de Sueli Carneiro, o epistemicídio não apenas nega o conhecimento dos povos subjugados, mas também mina sua capacidade de serem sujeitos autônomos e participantes plenos na construção do conhecimento e da sociedade.

Carneiro (2005), explica que o termo "epistemicídio negro" é fundamental para discutir as contínuas desqualificações atribuídas às pessoas afro-brasileiras e seus conhecimentos. Isso leva à cristalização de certos cânones e identidades como hegemônicos e aceitáveis, marginalizando assim as perspectivas e saberes afro-brasileiros.

Vale ressaltar que antes do termo epistemicídio ser usado por Boaventura e posteriormente utilizado por Sueli Carneiro, o intelectual Abdias do Nascimento em seu livro, *O genocídio do negro brasileiro (1978)*, já descrevia sobre o epistemicídio, através do termo genocídio étnico e cultural.

O quarto e último exemplo de comunidade africana fora do continente se refere à situação única na qual os habitantes primitivos de uma terra se tornaram uma comunidade minoritária devido ao genocídio étnico e cultural cometido contra eles pela comunidade dominante. (Nascimento 1978 p. 155).

A expressão "genocídio étnico e cultural", encapsula não apenas a perda de

vidas humanas, mas também a destruição sistemática da identidade e dos modos de vida de uma comunidade. Este termo ressalta a natureza multifacetada e devastadora das injustiças enfrentadas por essas comunidades, e destaca a necessidade premente de reconhecimento, justiça e reparação.

Em resumo, o epistemicídio negro não só afeta a racionalidade das comunidades afro-brasileiras subjugadas, mas também as aprisiona, mutilando sua capacidade de aprender, entre outros impactos em uma sociedade que tem em sua base a colonização europeia.

Kilomba (2019), traz a referência da máscara colocada em Anastácia como uma ferramenta utilizada pelos senhores brancos para silenciar os africanos/as escravizados/as e instaurar um senso de mudez e medo. Ela simboliza a imposição de um controle sobre quem pode falar, sobre o que se pode falar e sobre o que deve ser mantido em silêncio, mantendo assim a dominação colonial. A máscara também evoca o medo do colonizador de ouvir as verdades do "Outro", das experiências e perspectivas que desafiam e confrontam a narrativa hegemônica colonial.

Quando essa evidência passa a não mais existir, tornou-se necessário um novo método de dominação. A educação e o conhecimento passaram a ser uma forte ferramenta essenciais para a manutenção do domínio colonial, desde então, tanto na privação do acesso ao saber quanto na imposição de narrativas e identidades hegemônicas que silenciaram e oprimiram as comunidades afro-brasileiras e colonizadas.

Em concordância, discorre a autora Maria Isaura Pereira de Queiroz, desta arquitetura colonial em que a educação, surge como uma peça de extrema importância para fixar e hegemônizar o conhecimento europeu, como.

Dada a quantidade dos subordinados, a imposição pela força conhece limitações reais, já que esta não é suficiente para enquadrar totalmente a sociedade dominada; eis porque se recorre a outros meios mais sutis de imposição para os quais a educação vai ser o melhor auxiliar. (Queiroz, 2014, P.20).

Em acordo com a autora refletimos que as limitações e o insucesso do uso exclusivo da força usada no processo de dominação, tornou-se ineficaz para o colonizador, o que desencadeou a ideia de uma educação formal, como uma nova forma de abordagem e submissão, trazendo uma eficácia na dominação dos povos dominados. A abordagem educacional pode ser pensada como um dos melhores instrumentos auxiliares para o propósito colonial europeu.

Percebemos, então, que a educação passou a ser uma ferramenta capaz de moldar atitudes, crenças e comportamentos em uma sociedade, sem precisar usar uma força física brutal. Essa ideia sugere, que o controle social pode ser exercido não apenas por meio da força, mas também através da influência mais sutil proporcionada por aqueles que obtêm o poder sobre o meio educacional.

Melo (2012), explora a trajetória da educação formal no Brasil desde o período colonial. Em que se inicia com a chegada dos jesuítas, vindo de Portugal, em 1549, para desempenharem o papel de instrutores para os filhos dos colonizadores e catequizadores para os povos indígenas. Os jesuítas implementaram o *Ratio Studiorum*, conjunto de orientações que padronizava a pedagogia dos jesuítas.

Em 1759 O Marques de Pombal, expulsou os jesuítas e implementou as Reformas Pombalinas visando introduzir um ensino sem vínculo religioso e de forma mais acessível, orientados pelas cartas régias (escritas pelo rei), contudo, mulheres e os negros continuavam sem o acesso à educação. Ao longo do tempo, várias reformas, como as de Benjamin Constant, Epitácio Pessoa, e as Leis de Diretrizes e Bases de 1961, 1971 e 1996, moldaram a pedagogia. O autor salienta ainda que, ao longo dessas transformações, a educação frequentemente beneficiou certos grupos sociais, mantendo assim o status quo.

Vale ressaltar que da Constituição Imperial de 1824 à primeira Lei Nacional em 1827(Oliveira, 2021), assegurava-se que todos os cidadãos, exceto os escravos, tinham direito à educação primária gratuita. Apenas 24 anos depois o acesso à educação primária e secundária gratuita vem para os negros libertos através da Reforma Couto Ferraz, em 1854. A primeira conquista educacional brasileira significativa para os negros foi em 1878, quando surge um decreto permitindo a matrícula de negros libertos maiores de quatorze anos nos cursos noturnos. No ano posterior, a reforma de Leôncio Carvalho estabeleceu, além da obrigatoriedade do ensino dos sete e quatorze anos, a permissão da presença de escravizados nas escolas públicas.

Essas implicações acabaram por fixar, de modo geral, uma desigualdade social, epistêmica e um preconceito racial. No sistema educacional do Brasil, mesmo as pessoas negras tendo mais acesso ao estudo, os conteúdos são mais voltados ao eurocentrismo.

Woodson (2021), tece considerações, de como a educação estabelece parâmetros para que o próprio povo negro se subjugue, desprezando sua história e identidade, isto é possível, porque desde cedo “os negros/as “educados/as” são ensinados/as a admirar os hebreus, os gregos, os latinos e os teutônicos”. A história do negro africano, sua cultura e seu saber, por muitos séculos não existiu nos países

colonizados. No Brasil, o conhecer da história da África e dos povos africanos no Brasil passou a ser obrigatório século XXI, com a lei 10.639/03 passando a ser incluído a história dos povos indígenas com a lei 11.645/08.

Porém, não é só apenas sancionar uma lei desse porte, é preciso preparar os educadores para tratar a temática com veemência em sala de aula, pois segundo Woodson:

Ensinando com base nos livros do mesmo viés, treinados por caucasianos com os mesmos preconceitos ou por Negros de mentes escravizadas, gerações após gerações de professores Negros serviram para no máximo fazer o que lhes é dito para ser feito. Em outras palavras, um professor Negro instruindo crianças Negras é, em muitos aspectos, um professor branco assim engajado, pois o programa em cada caso é quase o mesmo (Woodson, 2021, p. 25).

Nesse sentido, pensamos a universidade brasileira, como um fio conector entre a colonização e a descolonização, para assim alcançarmos um estágio na educação que seja desprovida de preconceitos, valorize e reconheça a importância do ser afro-brasileiro como um ser provedor da intelectualidade.

Ao investigarmos os elementos que influenciam a nossa realidade, deparamo-nos com o eurocentrismo, o que é evidenciado pela história da educação no Brasil. Neste sentido, focamos em analisar as disciplinas do Projeto Pedagógico do curso de Filosofia da UNILA. Nesse contexto, a investigação dessas disciplinas se torna imprescindível para detectar dentro de conteúdos na formação do/a futuro/a professor/a, se existe a presença de um epistemicídio negro ou se já há uma educação/formação, desprovida de preconceitos que valorize e reconheça a importância do ser afro-brasileiro como um agente fornecedor de intelectualidade.

Ao examinarmos os elementos que influenciam nossa realidade, como o eurocentrismo, especialmente evidenciado na história da educação no Brasil, compreendemos a necessidade de uma abordagem crítica de descolonização epistêmica. O texto introdutório do Projeto Pedagógico do curso de Filosofia-Licenciatura da UNILA (Unila, 2018, pp. 5-6), ao mencionar a tradição filosófica como ponto de partida, destaca uma importância intelectual e ideológica, eurocêntrica. Portanto, a análise das disciplinas escolhidas se faz essencial para uma reflexão e estímulo para que a matriz curricular promova uma educação inclusiva e sensível à diversidade intelectual e cultural, indo além das limitações impostas pelo eurocentrismo

Em nossa análise perceberemos que, com exceções de poucas disciplinas, o

curso de Filosofia traz mais autores da tradição filosófica ocidental, não só como ponto de partida, mas como ponto de chegada também, evidenciando assim, em boa medida, a perspectiva eurocêntrica e colonial. Dentre as disciplinas do curso na linha de análise, temos a percepção da falta ou colocado em minoria, de intelectuais negros/as ou conteúdo que contemplam a lei 10.639/03 e Lei 11.645/08.

## **2- DESAFIOS E PERSPECTIVAS PARA UMA DIVERSIDADE EPISTÊMICA NA UNIVERSIDADE COM BASE NO CURSO DE FILOSOFIA-LICENCIATURA DA UNILA.**

Os desafios e desigualdades que afetam o sistema educacional têm sido objeto de reflexão e discussão, com destaque para a presença e participação dos indivíduos afrodescendentes no ambiente acadêmico. No Brasil, apesar de mais da metade da população ser negra, podemos notar que a representação nas instituições de ensino superior ainda é desproporcional. Segundo Agência de Notícia IBGE/2023 e atualizado em 26/01/24, a população que se autodeclara negra residente no Brasil, torna-se mais da metade, sendo um total de 55,51% somados entre declarantes pretos e pardos.

A filósofa Sueli Carneiro, ao participar do *Podcast* Mano a Mano em junho de 2022, abordou a construção política do movimento negro, em que estabelece a definição de negros como sendo, a soma de preto mais pardo. Carneiro afirmou: “A minha geração fez essa engenharia política, e nós dissemos: tudo que estiver dito aí que é pardo e preto, para nós é negro”. Essa perspectiva, respaldada pelo Estatuto da Igualdade Racial, Lei n.º 12.288/2010, fundamenta o argumento de que os negros são a maioria no Brasil, considerando que pretos e pardos, quando combinados, representam 55,5% da população. Com esse entendimento demográfico, é possível argumentar que, ao reconhecer a heterogeneidade da população negra e sua maioria numérica, o Brasil se depara com a oportunidade de construir um futuro mais igualitário, onde as diferenças sejam não apenas aceitas, mas valorizadas como parte integral da rica tapeçaria cultural do país. O desafio agora reside em traduzir esses números em ações concretas que promovam a justiça social e a equidade racial em todos os aspectos da vida nacional, começando por uma educação formal de qualidade e abrangente nas discussões raciais.

Conforme Almeida (2015), o domínio de homens brancos em diversas instituições, tanto públicos quanto privados, em especial a universidade pública, está condicionado a certos elementos. Em primeiro lugar, existe a presença de regras e padrões

que, direta ou indiretamente, dificultam a ascensão de indivíduos negros e/ou mulheres nessas instituições. Por conseguinte, a falta de espaços de discussão, sobretudo, dentro das universidades, referente a desigualdade racial e de gênero, como um fator que contribui para a naturalização desse domínio por parte do grupo formado por homens brancos.

Desta forma, a manutenção do poder e controle por parte de pessoas brancas em diversas esferas da sociedade é sustentada tanto por barreiras institucionais, quanto pela ausência de diálogo e reflexão sobre as questões de desigualdade racial e de gênero no âmbito da educação.

Nas universidades brasileiras, a presença de pessoas negras tem sido historicamente marcada por desigualdades e desafios. A desigualdade racial se reflete nos índices de acesso, permanência e conclusão dos cursos superiores por estudantes negros, em comparação com estudantes brancos.

Nesse sentido, Stephanie Ribeiro, em sua publicação na Revista DR (2015) discorre sobre a hegemonia do ser branco na instituição acadêmica.

Porém, o que se apresenta realmente nas grandes universidades brasileiras é um grande meio elitizado, branco e cis. Identificar isso não é generalizar, é “ir na ferida” e expor que, quem está nesse ambiente detém privilégios. (Ribeiro, 2015)

Pensar criticamente a situação das instituições de ensino superior do Brasil, nos revela uma diferença alarmante entre a concepção de uma comunidade acadêmica versátil e heterogênea e o cenário comum de elitismo, predominância racial, branca e cisgênero. Identificar essa discrepância não consiste em generalizar injustamente, mas sim, trazer a realidade incômoda na qual os benefícios são manifestos de forma indubitável.

Na sua versão mais contemporânea nas universidades brasileiras, o epistemicídio, como delineado por Carneiro (2015), se revela no dualismo entre o discurso militante e o discurso acadêmico. Nesse contexto, o pensamento do ativismo negro é desvalorizado como uma fonte de autoridade no entendimento da experiência negra, ao passo que o discurso branco sobre o negro é legitimado. Predominantemente, a produção intelectual branca e hegemônica sobre as relações raciais mantém um diálogo autorreferencial, desacreditando os estudos e contribuições dos pesquisadores e ativistas negros.

Diante disso, persiste uma dinâmica na qual o conhecimento sobre o negro é utilizado como fonte, porém sua autoridade intelectual não é reconhecida nas bibliografias acadêmicas. Consequentemente, as opressões contra esses corpos são perpetuadas e a

identidade negra é confinada ao papel historicamente imposto desde a colonização: o do subalterno resignado, cujos pensamentos e crenças refletem predominantemente uma perspectiva europeia, frequentemente adquirida na academia universitária branca e europeia.

Ao ingressar na universidade, o indivíduo negro já enfrentou um processo de assimilação do padrão de embranquecimento. De acordo com Bento (2022, p.77-78), "Nas escolas, por exemplo, há predominantemente professoras e gestoras brancas, brinquedos e livros didáticos, planos de aula e projetos político-pedagógicos que se relacionam exclusivamente com a perspectiva branca". Conseqüentemente, o sistema educacional, desde os estágios iniciais, contribui para a perpetuação de um racismo sutil, promovendo a naturalização do conhecimento vinculado à perspectiva branca no ambiente acadêmico, o que resulta em práticas discriminatórias e racistas. É imperativo refletir sobre como interromper essas formas de dominação hegemônica e cognitiva durante o processo de formação do professor, que tem influência na formação de opinião.

Segundo Freire (2023), há uma proposta de tornar os ambientes acadêmicos mais flexíveis, principalmente ao suavizar as relações entre professores e alunos e integrar as universidades de formação mais profunda à realidade social. Esse movimento também busca uma mudança na sua própria estrutura hegemônica das universidades, permitindo que se renovem e se adaptem às necessidades atuais, opondo-se às antigas obrigações condicionais e propondo uma quebra do ciclo eurocêntrico e hegemônico. Isso implica em tomar decisões e moldar o conhecimento acadêmico a partir do reconhecimento e valorização da diversidade e da alteridade.

No contexto do Projeto Pedagógico do Curso (PPC) de Filosofia-Licenciatura da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (Unila 2018), realizamos uma análise específica da disciplina "Introdução ao Pensamento Científico" (IPC), antes das demais disciplinas, pois, esta é oferecida como parte obrigatória de todos os cursos por meio de um conjunto de disciplinas, incluindo português/espanhol, Introdução ao Pensamento Científico e Ética e Ciência, e o conjunto dessas disciplinas é conhecido como Ciclo Comum. Nesse sentido, torna-se fundamental a sua compreensão, pois representa o primeiro contato dos estudantes com o conhecimento científico, servindo como uma base fundamental para sua formação acadêmica na universidade.

Analizamos a ementa juntamente com os arquétipos dos autores como corpos intelectuais. O objetivo desta análise é explorar a inclusão, a valorização e uma alteridade do ser negro dentro do contexto filosófico delineado pelos autores em questão.

Ementa: Reflexão filosófica sobre o processo de construção do conhecimento. Especificidades do conhecimento científico: relações entre epistemologia e metodologia. Verdade, validade, confiabilidade, conceitos e representações. Ciências naturais e ciências sociais. Habilidades críticas e argumentativas e a qualidade da produção científica. A integração latino-americana por meio do conhecimento crítico e compartilhado (PPC 2018 p 63).

A ementa propõe uma reflexão filosófica sobre o processo de construção do conhecimento, com foco nas especificidades do conhecimento científico. Traz uma abordagem das relações entre epistemologia (a teoria do conhecimento) e metodologia (os métodos utilizados na investigação científica), além de discutir conceitos fundamentais como verdade, validade, confiabilidade e representações. Ademais, o corpo de intelectuais apresentado é em sua maioria autores de peles claras (brancos) e masculinos, o que reforça o epistemicídio negro na educação, logo a validação da ideia do conhecimento europeu. Como uma pessoa negra irá construir um pensamento crítico sobre sua identidade, por exemplo, tendo como referência autores brancos com perspectivas brancas?

A crítica ao epistemicídio negro, nesta parte, está relacionada a desvalorização do conhecimento produzido por pesquisadores e intelectuais negros, dentro do ambiente acadêmico brasileiro.

Afirma Sueli Carneiro:

Os ativistas negros, por sua vez, com honrosas exceções, são tratados, pelos especialistas da questão racial, como *fontes de saber* mas não de autoridade sobre o tema. Os pesquisadores negros em geral são reduzidos também à condição de fonte e não de interlocutores reais no diálogo acadêmico, quando não são aprisionados exclusivamente ao tema do negro (Carneiro, 2005 P.60).

O epistemicídio negro se manifesta na hierarquização do conhecimento, no qual o pensamento do intelectual negro é desqualificado como uma fonte legítima e de alteridade sobre questões relacionadas à experiência negra. Enquanto isso, o conhecimento produzido por autores brancos é privilegiado e legitimado, perpetuando assim uma dinâmica de exclusão e desigualdade.

Destacamos, o fato em que, muitas vezes, as bibliografias utilizadas nas universidades brasileiras são compostas predominantemente por autores brancos e não brasileiros, excluindo, a produção intelectual dos pesquisadores e intelectuais negros do país. Além disso, destacamos a falta de reconhecimento e prestígio nacional e internacional

concedido aos intelectuais negros/a brasileiros/as, em contraste com a predominância da produção branca e hegemônica sobre as relações raciais.

Essa dinâmica de exclusão e desvalorização do conhecimento negro dentro do ambiente acadêmico contribui para a perpetuação das estruturas de opressão e para a manutenção do status quo que marginaliza os grupos racialmente tidos como minoritários, reforçando assim o epistemicídio negro.

Em suma, a percepção já na primeira análise em uma das disciplinas, o epistemicídio negro se faz presente e revela a persistência de uma dinâmica excludente e desigual no ambiente acadêmico brasileiro, onde o conhecimento produzido por intelectuais e pesquisadores negros é sistematicamente marginalizado e desvalorizado em comparação com o conhecimento produzido por intelectuais brancos. Isso não apenas perpetua as estruturas de opressão, mas também contribui para a manutenção de um sistema de conhecimento que reflete e reforça as hierarquias raciais e sociais existentes na sociedade.

Portanto, precisa-se pensar na necessidade de reconhecimento e valorização do conhecimento negro, bem como a promoção de uma maior diversidade e inclusão nas disciplinas e espaços acadêmicos, a fim de superar o epistemicídio e promover uma produção de conhecimento mais justa e equitativa.

### **3- EPISTEMICÍDIO NEGRO E A PERSPECTIVA NA FORMAÇÃO DE EDUCADORES: UMA ANÁLISE DO PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE FILOSOFIA-LICENCIATURA/UNILA**

Passamos a apresentar uma análise sobre algumas disciplinas no Projeto Pedagógico do Curso (PPC) de Filosofia-Licenciatura da Universidade da Integração Latino-Americana (UNILA, 2018)<sup>1</sup>, nas quais, procuramos evidenciar a ausência de intelectuais negros em suas bibliografias, bem como a não representação referente a alteridade, na formação do/a futuro/a educador/a, que lecionará, na educação básica. As disciplinas foram escolhidas tendo como base, a história da Filosofia e a epistemologias adotadas<sup>2</sup>.

As disciplinas em análises São elas: Introdução à Filosofia, História da Filosofia

---

<sup>1</sup> PPC – Filosofia-Licenciatura – Unila. <https://portal.unila.edu.br/graduacao/filosofia/ppc>

<sup>2</sup> Destacamos que as disciplinas relacionadas à educação não serão objeto de análise neste momento, posto que entendemos a necessidade de estudo particular e aprofundado destas, o que implicaria um trabalho para além do que nos seria possível e cabível metodologicamente no presente estudo.

Antiga I, História da Filosofia Contemporânea I, Teoria do Conhecimento, Descolonização Epistêmica, Filosofia Política, Ética e Filosofia Colonial. Antes de empreender uma análise das disciplinas selecionadas, nós buscamos compreender a perspectiva institucional da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (Unila, 2018), em relação ao perfil almejado do egresso do curso de Filosofia-Licenciatura.

Segundo o Projeto Pedagógico do curso de Filosofia-Licenciatura (Unila, 2018 p.21), é esperado de seu egresso, a capacidade de realizar uma reflexão filosófica relevante para os desafios da realidade latino-americana, priorizando a compreensão e superação das heranças históricas, bem como, uma sólida formação em História da Filosofia, habilidades interdisciplinares e competências para atuar como professores, com capacidade de pesquisa em temáticas latino-americanas. Além disso, devem desenvolver uma consciência crítica, integrando a filosofia com outras formas de produção intelectual, cultural e política, sempre relacionando com a promoção da cidadania e o respeito aos direitos humanos.

Pensando no contexto do epistemicídio negro, temos a percepção da não menção explícita à inclusão e valorização da perspectiva negra na formação dos egressos do curso de Filosofia-Licenciatura/UNILA. Embora se aborde a relevância da reflexão filosófica para os desafios da realidade latino-americana e mencione a necessidade de compreender e superar heranças históricas, não há uma abordagem específica sobre a importância de reconhecer e combater o epistemicídio negro na academia e na prática filosófica do ensino básico.

Carneiro (2000), no site Geledés, aponta para a falta de representação adequada de conteúdos ligados a cultura afro-brasileira e da história dos povos africanos nos currículos escolares, destacando a necessidade de uma revisão para garantir uma abordagem mais inclusiva e precisa da diversidade étnico-cultural do Brasil. Essa abordagem e a falta de representação deveriam estar presente desde a formação do docente na universidade. É notável que, esse ciclo vai se repetindo, alimentando o sistema educacional de forma eurocêntrica e reproduzindo conhecimentos e saberes característicos da hegemonia branca e europeia.

Que base teórica ou ponto de partida, são estabelecidos para os graduandos do curso de Filosofia-Licenciatura/UNILA, por meio das disciplinas presentes em seu Projeto Pedagógico? Essas disciplinas têm o propósito de fundamentar e enriquecer a compreensão dos estudantes sobre a evolução histórica da Filosofia pela perspectiva de uma filosofia africana?

Em análise, as ementas dessas disciplinas (Unila 2018, p.65 a 72), não demonstram uma abordagem voltada e específica de uma filosofia não ocidental, ou seja, a base do aprendizado filosófico parte da perspectiva europeia e, estão concentrados em inúmeros temas filosóficos denominados como tradicionais.

Embora esses temas sejam importantes, aponta-se à ausência de uma abordagem específica, sobre a história africana e a diversidade cultural afrodiaspórica, demonstrando assim, que na história e, na prática da filosofia apresentada, existe uma lacuna na inclusão de temas extremamente importante e inclusiva para uma igualdade racial e intelectual nesses currículos. Essa falta de inclusão pode limitar a compreensão do discente negro sobre a importância da alteridade e a necessidade de se autorreconhecer e reconhecer, provocando um confronto com o epistemicídio negro dentro do campo filosófico no ensino básico.

É necessário fomentar a importância de uma abordagem inclusiva e diversificada na formação do educador em filosofia, visando especialmente a necessidade de considerar a história e a cultura de corpos marginalizado pela colonização. As ementas parecem negligenciar a perspectiva da alteridade e falham em não abordar diretamente o epistemicídio negro.

Se mantermos uma concentração exclusivamente, em conhecimentos filosóficos tidos como tradicionais, arriscamos perpetuar de vez o apagamento de conhecimentos e saberes de um povo que historicamente foram subjugados, mas, que traz em seu universo uma ótica diferente da história da filosofia. Incorporar uma análise crítica e reflexiva sobre essas questões poderia enriquecer significativamente a experiência educacional dos discentes, promovendo uma compreensão mais abrangente, libertadora e inclusiva através da filosofia e de sua relevância para a sociedade contemporânea.

Freire (2023, p.53) destaca a importância de uma educação conscientizadora e libertadora que combata uma alienação imposta por uma civilização ocidental cristã, desta forma, o sujeito passaria a ser respeitado ontologicamente como sujeito de sua própria história.

Refletindo no sujeito de sua própria história e o epistemicídio negro, podemos pensar em uma abordagem epistemológica e eficaz, para promover uma equidade em todos os níveis educacionais, a começar pela universidade que é de onde sairão os futuros educadores do ensino básico, levando uma carga de conhecimentos, conteúdo e pensadores negros, destacando assim a importância da perspectiva afrodiaspórica na vida de seus alunos.

A importância de se explorar detalhadamente as experiências e perspectivas dos pensadores negros, tem o objetivo de enriquecer a formação dos futuros graduados e garantir o cumprimento da lei 10.639/03 e Lei 11.645/08 na educação básica.

As disciplinas de Teoria do Conhecimento, Descolonização Epistêmica, Filosofia Política, Ética e Filosofia Colonial, foram classificadas como componentes da área da epistemologia. Antes de nos aprofundarmos nas análises das discussões epistemológicas dessas disciplinas, é necessário ressaltar um aspecto recorrente no curso, o qual é a seleção de autores feita pelos docentes.

No contexto da nossa discussão sobre a epistemologia das disciplinas em postas, observamos que entre os principais autores (as) — em média três por disciplina — apenas um possui a pele de cor negra. Além disso, ao buscarmos uma referência feminina, nos deparamos também com apenas uma autora mulher (de cor branca). Essa constatação evidencia o enraizamento e a influência eurocentrista na estrutura universitária, manifestado através do patriarcado e do racismo.

Assim, o domínio de homens brancos em instituições públicas – o legislativo, o judiciário, o ministério público, reitorias de universidades etc. – e instituições privadas – por exemplo, diretoria de empresas – depende, em primeiro lugar, da existência de regras e padrões que direta ou indiretamente dificultem a ascensão de negros e/ou mulheres, e, em segundo lugar, da inexistência de espaços em que se discuta a desigualdade racial e de gênero, naturalizando, assim, o domínio do grupo formado por homens brancos (Almeida, 2020, p.40).

Apesar da proposta do Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) da UNILA de promover uma educação superior pública de qualidade baseada na democracia e integração latino-americana, a falta específica de uma discussão sobre o racismo e de gênero, revela que as dinâmicas de poder nos espaços acadêmicos não estão contemplando integralmente à diversidade intelectual de raça e gênero. Intrincadamente, podemos perceber que há um domínio hegemônico estilo europeu de um saber intelectual e nesse sentido, ressaltamos a importância de uma equidade intelectual de autores negros e negras, como agentes de transformação e análise crítica dos problemas latino-americanos e caribenhos, já que no Brasil, a maioria da população, oficialmente se declara negra.

A predominância de homens brancos em posições de liderança e influência intelectual, reflete um sistema estrutural que cria barreiras para a ascensão de intelectuais negros e negras. Essas barreiras incluem desde a falta de representatividade nos currículos

e bibliografias, até a escassez de espaços para debater e confrontar a desigualdade racial e de gênero, perpetuando a marginalização e a exclusão do saber negro.

Foi fundamental fazer um adendo e considerar, conforme Akotirene (2021, p. 40), a questão da intelectualidade das mulheres negras e os desafios mais intensos que enfrentam devido à presença da matriz de opressão europeia. Essa matriz utiliza a interseccionalidade de maneira seletiva para desempoderar essas mulheres, destacando as relações interseccionais gênero-nação-sexualidade no contexto opressivo. Sendo assim, não encontramos nas bibliografias analisadas autoras negras.

O termo interseccionalidade foi posto primeiramente por Crenshaw (2002, p.176) em que, reconhece a interação complexa entre diferentes formas de subordinação, como racismo, patriarcado e opressão de classe. Ela destaca como esses sistemas criam desigualdades básicas que afetam mulheres, pessoas de diferentes raças, etnias e classes sociais. Além disso, a interseccionalidade analisa como ações e políticas específicas podem contribuir para o desempoderamento de grupos marginalizados ao longo desses eixos de subordinação.

Portanto, é necessário a promoção de uma transformação significativa na UNILA e entre os(as) intelectuais, requerendo o reconhecimento de opressão estrutural e institucional de poder e a implementação de políticas e práticas que valorize incluindo as intelectuais negras e suas perspectivas, bem como, de todos os afrodescendentes possíveis, criando assim, um ambiente intelectual verdadeiramente diverso, democrático e enriquecedor para as todas as partes.

Após essa breve reflexão sobre a intelectualidade da mulher negra, e o epistemicídio, retomamos para a análise epistemológica das disciplinas já mencionadas em relação ao epistemicídio negro.

A complexa compreensão entre o preconceito racial, a marginalização do conhecimento originado por grupos não-brancos e não-ocidentais, a rejeição de diversas epistemologias e a manipulação das narrativas históricas nos instigou um universo de reflexões profundas sobre os processos de aprendizagem, assimilação e reprodução de conhecimento dentro do curso de Filosofia-Licenciatura (UNILA), o que por meio de análises em algumas disciplinas ligadas a epistemologia, tivemos a percepção de uma continuidade epistemológica com foco no pensamento e conhecimento eurocêntrico. Isso no aponta para uma reflexão sob as palavras de alguns pensadores(as) negros(as) sobre o conhecimento.

Um conjunto de dispositivos, práticas e estratégias que produzem cânones

que deixam de fora o que não é da matriz europeia. O crivo eurocêntrico para o conhecimento recusa a validade das justificativas feitas a partir de referenciais não europeus, quer sejam eles filosóficos, culturais, históricos, ou científicos, distinguindo o que é conhecimento válido e o que não é conhecimento (Nogueira; Duarte; Ribeiro, 2019, p. 441).

Ao discorrer de mecanismos específicos que sustentam o crivo eurocêntrico para o conhecimento, os autores, apontam para um viés dominante de práticas e estratégias que produzem cânones de conhecimento que excluem referências não europeias, recusando a validade de outras perspectivas filosóficas, culturais, históricas ou científicas que não estejam alinhadas com a matriz europeia.

Nesse contexto, o conhecimento considerado legítimo e válido é aquele produzido por intelectuais que possuem uma compreensão fundamentada nos preceitos europeus sobre o ser humano, a sociedade, a política, a religião e o mundo em geral. O conhecimento de origem não-europeia é classificado como subjetivo, sendo desconsiderado como parte integrante do conhecimento válido e legítimo.

Segundo Gomes (2009), existe um aumento no movimento crescente de inclusão de pesquisadores provenientes de diferentes origens étnico-raciais nas universidades, especialmente nas públicas. Ela destaca que essa inclusão está mudando a forma, como o conhecimento é produzido. Em vez de um conhecimento tradicionalmente "sobre" os movimentos sociais e seus sujeitos, esses novos pesquisadores estão desenvolvendo um conhecimento "por" meio da colaboração direta e intelectuais com os movimentos sociais.

As implicações desse movimento, traz uma abordagem mais engajada e participativa, que valoriza as perspectivas e experiências dos próprios membros desses movimentos, desafiando a visão hegemônica e tradicionalmente distante das ciências humanas e sociais. Essa mudança de perspectiva e abordagem na produção do conhecimento promove uma maior sensibilidade e conexão com as realidades vivenciadas por intelectuais negros e negras estudados, enriquecendo assim as análises curriculares e contribuindo para uma produção de conhecimento mais inclusiva e reflexiva e válida.

Ao refletir sobre as análises realizadas nas disciplinas escolhidas (Unila, 2018) que abordam a epistemologia, constata-se que embora algumas delas abordem o conhecimento na América Latina, em Filosofia Colonial (Unila, 2018 p. 93), determinados autores adotam uma perspectiva centrada na visão de filósofos europeus.

No contexto de Descolonização Epistêmica (Unila, 2018, p. 75), a ênfase recai mais intensamente na América Latina e em suas questões relacionadas à hegemonia

européia. É observado que dos três principais intelectuais mencionados, apenas um é mulher, o que evidencia uma caracterização enraizada do mundo ocidental.

Na área da Filosofia Política (Unila, 2018. p. 77) e Ética (Unila, 2018, p. 70), seguindo a bibliografia principal, constata-se a presença de autores cujos conhecimentos se baseiam principalmente em uma abordagem de leitura européia. A partir desse pressuposto, o conhecimento filosófico, político e ético tende a não oferecer ao futuro graduado qualquer perspectiva de entendimento que não seja ancorada no conhecimento eurocêntrico.

Na Teoria do Conhecimento (Unila, 2018 p. 68), é observada a predominância dos autores norte-americanos, cuja base de seus escritos está intimamente ligada ao contexto ocidental. Essa ênfase a tradição ocidental é evidenciada não apenas nesta disciplina, mas também em outras áreas do conhecimento, onde a abordagem do conhecer e do saber tem como fundamento o conhecimento filosófico do Ocidente, considerado como a filosofia tradicional.

Ao elaborar análises sobre essas disciplinas, o objetivo é evidenciar que, dentro dos conhecimentos propostos, não há uma epistemologia específica que aborde adequadamente as demandas de inclusão e discussão do epistemicídio negro, dos e por via de intelectuais negros (as), visando a um conhecimento antirracista com responsabilidade, qualidade e equidade. Isso é especialmente relevante no contexto brasileiro, onde a maioria da população é negra.

Ao considerar a lacuna existente na abordagem epistemológica das disciplinas analisadas, é fundamental destacar a importância de promover uma revisão crítica dos currículos e dos métodos de ensino. Isso envolve a necessidade de incorporar perspectivas diversas, especialmente aquelas que representam grupos historicamente marginalizados, como os negros e negras. Essa revisão não se restringe apenas à seleção de autores e conteúdo, mas também se estende às práticas pedagógicas, buscando uma educação mais inclusiva e sensível às questões raciais e de equidade, contribuindo assim para uma formação acadêmica mais plural e consciente das complexidades socioculturais do país.

Gonzalez (2018 p.255) ressalta a resistência das classes dominantes e dos intelectuais vinculados a elas, em abrir mão de seus privilégios e em incorporar a cultura negra na construção da identidade nacional brasileira. Essa resistência histórica reflete a manutenção de estruturas de poder que perpetuam desigualdades sociais, econômicas e culturais, evidenciando a necessidade urgente de transformações que valorizem uma diversidade étnico-racial e promovam uma sociedade mais inclusiva e justa.

Essa resistência também se manifesta silenciosamente na relutância em modificar currículos e práticas acadêmicas para refletir uma visão mais plural e representativa da sociedade brasileira, algo essencial para o desenvolvimento de uma educação verdadeiramente democrática e emancipadora.

Em conformidade com Lélia Gonzalez, a filósofa Djamila Ribeiro afirma:

A consequência dessa hierarquização legitimou como superior a explicação epistemológica eurocêntrica conferindo ao pensamento moderno ocidental a exclusividade do que seria conhecimento válido, estruturando-o como dominante e, assim, inviabilizando outras experiências do conhecimento. (Ribeiro, 2017, p16.)

Podemos relacionar o conceito de epistemicídio negro com a hierarquização do conhecimento legitimado pela perspectiva eurocêntrica. A hierarquização do conhecimento, ao legitimar como superior à explicação epistemológica eurocêntrica, reforça a hegemonia do pensamento moderno.

O educador Darcy Ribeiro (1977), já denunciava a verticalização na educação brasileira, quando se referiu a educação do Brasil, como um programa pensado. “Um programa em curso, cujos frutos, amanhã, falarão por si mesmos” (Ribeiro, 1977). Nesse sentido, pensamos no curso de Filosofia da UNILA, seu corpo docente e discente, como um entrelaço que precisa se libertar epistemologicamente, rompendo essa verticalidade eurocêntrica no currículo e nas relações de poder de conhecimento.

Paulo Freire, em sua infinita sabedoria e simplicidade, nos mostrou o caminho da horizontalidade, onde a troca de saberes, entre o educando e o educador é um dos eixos centrais do processo para uma educação justa, igualitária e com qualidade. Em suas palavras:

Daí que o papel do educador seja fundamentalmente dialogar com o analfabeto, sobre situações concretas, oferecendo-lhe simplesmente os instrumentos com que ele se alfabetiza. Por isso, a alfabetização não pode ser feita de cima para baixo, como uma doação ou uma imposição, mas de dentro para fora, pelo próprio analfabeto, apenas com a colaboração do educador (Freire, 1967 p110.)

#### **4- REFLEXÕES FINAIS**

Neste artigo, enquanto estudante negra do Curso de Filosofia na UNILA, estou em uma posição privilegiada para apresentar as considerações finais, as quais são fundamentadas na minha experiência acadêmica e na perspectiva do epistemicídio negro.

Dentro do escopo da análise apresentada, foram identificadas evidências de uma disparidade na valorização dos conhecimentos não europeus, especificamente os saberes afro-brasileiros e africanos, em relação ao processo de aprendizado dos futuros graduados do curso de Filosofia com ênfase em licenciatura na UNILA. Esta disparidade foi constatada por meio das lacunas identificadas no currículo do curso, que revelam a ausência de representatividade intelectual negra e a falta de inclusão de conteúdos relacionados à história e aos conhecimentos produzidos por intelectuais negros(as).

O modelo acadêmico adotado pela UNILA propõe um enfoque de estudo voltado para a América Latina. Contudo, no âmbito do curso de Filosofia-Licenciatura, observamos uma ênfase no conhecimento europeu, o que evidencia a negação dos saberes das populações majoritárias no Brasil atualmente. Essa negação reflete um processo histórico de epistemicídio negro, que não apenas desvaloriza os conhecimentos produzidos por pessoas negras, mas também trata de sucumbir a capacidade intelectual dessas comunidades, conferindo uma importância desproporcional ao pensamento eurocêntrico e tratando a Filosofia europeia como dominante e exclusiva.

No contexto em questão, a formação fundamentada em uma filosofia eurocêntrica emerge como uma ferramenta crucial para a perpetuação do domínio do conhecimento europeu. Isso ocorre devido à imposição de uma narrativa eurocêntrica e à exclusão das vozes não hegemônicas, o que resulta na consolidação de desigualdades epistêmicas e raciais. Apesar dos progressos legislativos, como a Lei 10.639/2003 e Lei 11.645/08 que preconiza a inclusão da história e cultura afro-brasileira no currículo da educação básica, ainda persistem verdadeiras falhas na formação do futuro professor de filosofia e na promoção de uma educação verdadeiramente inclusiva e descolonizada.

Podemos concluir que a análise crítica do Projeto Pedagógico do Curso (PPC) de Filosofia-Licenciatura da UNILA revela falhas significativas em relação à representatividade e valorização dos intelectuais negros(as) nas disciplinas. A ausência de uma abordagem específica da perspectiva negra na formação dos futuros educadores aponta para a perpetuação do epistemicídio negro no ensino básico e para uma estrutura acadêmica eurocêntrica que negligencia saberes e conhecimentos fundamentais para uma educação inclusiva e emancipadora.

A análise das disciplinas como Teoria do Conhecimento, Descolonização Epistêmica e Filosofia Política evidencia a continuidade do pensamento eurocêntrico e a negação do conhecimento dos(as) negros(as). A predominância de autores brancos e a falta de perspectivas não europeias refletem a resistência em modificar práticas

acadêmicas para promover uma educação mais plural e representativa. Isso destaca a necessidade urgente de transformações que valorizem a diversidade étnico-racial e promovam uma sociedade mais justa e inclusiva, garantindo assim uma educação que contemple todas as vozes e experiências.

É fundamental repensar o currículo acadêmico, as práticas pedagógicas e as políticas de inclusão para garantir a valorização do conhecimento do(a) negro(a), bem como promover uma maior diversidade e equidade nos espaços acadêmicos. Somente assim será possível superar o epistemicídio negro e avançar em direção a uma produção de conhecimento mais justa, inclusiva e representativa de toda a diversidade cultural e intelectual do Brasil.

Ao concluir este artigo, destaca-se que, a discussão sobre o epistemicídio negro, parece ter um foco maior e uma significativa importância apenas para indivíduos que mantêm vivas as lembranças e traumas de seus ancestrais advindo dos navios negreiros, contudo, esse advento remanescente, resgata ao mesmo tempo, aqueles que se perderam de suas histórias por não conseguirem falar, ser ouvidos e aceitos, se permitindo então a simbologia do uso da máscara colocada em Dandara.

Com o intuito de ilustrar a viabilidade de uma epistemologia que reflita de maneira proporcional a diversidade da população brasileira, este estudo apresenta uma bibliografia composta majoritariamente por intelectuais negras e negros, conforme detalhado no anexo<sup>3</sup> que acompanha este documento, contendo uma lista de referências acompanhada de uma imagem dos autores utilizados.

Na certeza de uma continuidade desta pesquisa e mediante um poema elaborado por uma mulher negra e intelectual, Conceição Evaristo, enfatizando a relevância de expressar-se, escutar e autenticamente ser, sem as restrições históricas que impõem limitações, também manifesto minha própria voz neste contexto.

### **Vozes-mulheres**

A voz de minha bisavó  
ecoou criança  
nos porões do navio.  
ecoou lamentos

---

<sup>3</sup> Anexo1 - Todas as imagens incluídas neste apêndice são fotografias públicas obtidas por meio de pesquisa no Google. No caso em que um autor ou autora não dispunha de uma fotografia disponível no Google, essa informação não foi registrada.

de uma infância perdida.

A voz de minha avó  
ecoou obediência  
aos brancos-donos de tudo.

A voz de minha mãe  
ecoou baixinho revolta  
no fundo das cozinhas alheias  
debaixo das trouxas  
roupagens sujas dos brancos  
pelo caminho empoeirado  
rumo à favela.

A minha voz ainda  
ecoa versos perplexos  
com rimas de sangue  
e  
fome.

A voz de minha filha  
recolhe todas as nossas vozes  
recolhe em si  
as vozes mudas caladas  
engasgadas nas gargantas.

A voz de minha filha  
recolhe em si  
a fala e o ato.

O ontem – o hoje – o agora.

Na voz de minha filha  
se fará ouvir a ressonância  
o eco da vida-liberdade.

Conceição Evaristo, no livro “Poemas da recordação e outros movimentos”. (2008)

## REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**, 5ª reimpressão, coleção Feminismos Plurais, editora Jandaíra, São Paulo 2021.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo Estrutural**, 5ª reimpressão, coleção Feminismos Plurais, editora Jandaíra, São Paulo 2020.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**, 1ª edição, Companhia das Letras, SP 2022.

BRASIL. Constituições Brasileiras: 1824. vol. I. Brasília: Senado Federal e Ministério da Ciência e Tecnologia, Centro de Estudos Estratégicos, 2001a.

BRASIL, Constituições Brasileiras: 1891. vol. II. Brasília: Senado Federal e Ministério da Ciência e Tecnologia, Centro de Estudos Estratégicos, 2001b.

BRASIL, Constituições Brasileiras: 1934. vol. III. Brasília: Senado Federal e Ministério da Ciência e Tecnologia, Centro de Estudos Estratégicos, 2001c.

BRASIL, Constituições Brasileiras: 1937. vol. IV. Brasília: Senado Federal e Ministério da Ciência e Tecnologia, Centro de Estudos Estratégicos, 2001d.

BRASIL, Constituições Brasileiras: 1946. vol. V. Brasília: Senado Federal e Ministério da Ciência e Tecnologia, Centro de Estudos Estratégicos, 2001e.

BRASIL. **LDB, Leis de Diretrizes e Base nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm) acessado em: 12 maio 2023.

BRASIL, **Lei Federal, Nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Disponível em: <https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=LEI&numero=10639&ano=2003&ato=431MTTq10dRpWTbf4> Acesso em: 06 jan. 2022.

BRASIL, **Lei Federal, Nº 12.288 20 de julho de 2010**. Estatuto da Igualdade Racial Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2007-2010/2010/lei/l12288.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2010/lei/l12288.htm) . Acesso em: 25 jan. 2022

CARNEIRO, Aparecida Sueli, **A Construção do Outro como Não-Ser como fundamento do Ser**. Feusp, 2005. (Tese de doutorado). Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880> . Acesso em: 27 nov. 2021.

CARNEIRO, **Raça e educação por Sueli Carneiro**, 2000. Portal Geledés, Disponível em: <https://www.geledes.org.br/raca-e-educacao-por-sueli-carneiro/>. Acesso em 01 março de 2024.

CRENSHAW, Kimberlé. **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero**, trad. Liane Schneider. Revista estudos feministas. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/mbTpP4SFXPnJZ397j8fSBQQ/?lang=pt>. Acesso em: 25 de março. 24.

EVARISTO, Conceição. Vozes-mulheres. Revista prosa, Verso e Arte. Disponível em: <https://www.revistaprosaversoarte.com/conceicao-evaristo-poemas/> Acesso em 29 de maio. 24.

FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade**, 56ª edição, editora Paz e Terra, Rio de Janeiro 2023.

GOMES, Nilma Lino. **Intelectuais negros e produção do conhecimento: algumas reflexões sobre a realidade brasileira**. In SANTOS, Boaventura de Souza; MENEZES, Maria Paula (Orgs.). Epistemologia do Sul. São Paulo Cortez, Rio de Janeiro. 2009, p. 419-442.

GONZALEZ. Lélia. **Primavera para as Rosas Negras- Lélia Gonzalez em primeira pessoa** coletânea organizada e editada pela UCPA união dos coletivos pan-africanistas. São Paulo, Diáspora africana 2018.

GREGÓRIO, Sérgio Biagi (organizador) **Dicionário de Filosofia**. Disponível em: <https://sites.google.com/view/sbgdicionariodefilosofia/p%C3%A1gina-inicial?authuser=0> acesso em: 15 nov. 2022.

IBGE, **Agência de Notícias 2023**, Editoria: [IBGE](#) | Caio Belandi e Irene Gomes | Arte: Jessica Cândido e Brisa Gil, 22/12/2023 10h00 | Atualizado em 26/01/2024, 10h26 - [https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38719-censo-2022-pela-primeira-vez-desde-1991-a-maior-parte-da-populacao-do-brasil-se-declara-parda#:~:text=Desde%201991%2C%20esse%20contingente%20n%C3%A3o,amarelas%20\(0%2C4%25\)](https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38719-censo-2022-pela-primeira-vez-desde-1991-a-maior-parte-da-populacao-do-brasil-se-declara-parda#:~:text=Desde%201991%2C%20esse%20contingente%20n%C3%A3o,amarelas%20(0%2C4%25)) , acesso em 29 jan. 2023.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Censo 2022, **População por cor ou raça Brasil**, disponível em: [https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/?utm\\_source=ibge&utm\\_medium=home&utm\\_campaign=portal](https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/?utm_source=ibge&utm_medium=home&utm_campaign=portal) , acesso em 29 jan. 2023.

KILOMBA, Grada, **Memórias da plantação, episódios de racismo cotidiano**. Editora Cobogó, Tradução: Jessica Oliveira. 1ª edição Rio de Janeiro 2019.

MANO A MANO, **Podcast com Sueli Carneiro** – 2022, Spotify, disponível em: <https://open.spotify.com/episode/2eTloWb3Nrijmog0RkUnCPr>. Acesso em 20 dez. 2024.

MELO, Josimeire Medeiros Silveira de. **História da Educação no Brasil**. Coordenação Cassandra Ribeiro Joye. - 2 ed. Fortaleza: UAB/IFCE, 2012. 95p.

NASCIMENTO, Abdias do, **O genocídio do Negro brasileiro, Processo de um Racismo Mascarado**, 1ª edição - editora Paz e Terra, Rio de Janeiro 1978.

NOGUERA, Renato; DUARTE, Valter; RIBEIRO, Marcelo dos Santos. **Afroperspectividade no ensino de filosofia: possibilidades da Lei 10.639/03 diante do desinteresse e do racismo epistêmico**. O que nos faz pensar, Rio de Janeiro, v. 28, n. 45, p. 434-451. 2019.

OLIVEIRA, Lidia Regina Figueiredo de et al. **Educação para negros no Brasil: um**

**contexto histórico.** VII CONEDU - Conedu em Casa. Editora Realize - Campina Grande 2021- Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/79709> , acesso em: 21 jan. 2024.

QUEIROZ M.I.P de. (2014). **Educação como uma forma de colonialismo.** Cadernos CERU, 25(1), 19-32. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ceru/article/view/89146> , acesso em 08 jan. 2024.

RAMOSE, M. B. **Sobre a Legitimidade e o Estudo da Filosofia Africana.** On the legitimacy and study of African Philosophy, Ensaios Filosóficos, Volume IV. Tradução Dirce Eleonora Nigro Solis, Rafael Medina Lopes, Roberta Ribeiro Cassiano. -. University of South Africa, Pretoria, outubro/2011.

RIBEIRO, Darcy. **Educação falha ou indisponível** " In: Anais da 29ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), 1977", Revista **SBPC** (2018), Disponível em: <http://portal.sbpcnet.org.br/noticias/educacao-falha-ou-indisponivel/> acesso em 20 març. 2024.

RIBEIRO. Djamila, **O que é Lugar de Fala?** Editora Letramento, Coleção Feminismos Plurais, Minas Gerais, 2017.

RIBEIRO, Stephanie, **DOSSIÊ: FALAS E FALHAS DA UNIVERSIDADE O negro e a Universidade: o que posso falar disso**, edição 2 - REVISTA DR. 2015. Disponível em: <https://revistadr.com.br/posts/o-negro-e-a-universidade-o-que-posso-falar-disso/>, acesso em 06 fev. 2024.

SANTOS, Boa Ventura de Sousa, MENEZES, Maria de Paula, **Epistemologias do Sul.** Orgs) Boa Ventura de Sousa Santos e Maria de Paula Menezes - editora. Edições Almedina. S/A Rio de Janeiro 2009.

\_\_\_\_\_ Pela Mão de Alice. São Paulo: Cortez Editora, 1995 acessado. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=4079253&forceview=1> em 06 abr. 2024.

UNILA, Universidade Federal da Integração Latino-Americana. **Projeto Pedagógico do Curso (PPC) de Filosofia-Licenciatura**, Foz do Iguaçu: 2018. Disponível em: <https://portal.unila.edu.br/graduacao/filosofia/ppc>. Acesso em 11 out. 2023.

WOODSON, Carter Godwin. **A deseducação do negro.** Tradução e notas de Naia Venerand; prefácio Emicida, Edipro, São Paulo 2021.

## ANEXO

### BIBLIOGRAFIA COM FOTO DOS AUTORES



AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**, 5ª reimpressão, coleção Feminismos Plurais, editora Jandaíra, São Paulo 2021.



ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo Estrutural**, 5ª reimpressão, coleção Feminismos Plurais, editora Jandaíra, São Paulo 2020.



BENTO, Cida. **O pacto da Branquitude**, 1ª edição, Companhia das Letras, SP 2022.

BRASIL. Constituições Brasileiras: 1824. vol. I. Brasília: Senado Federal e Ministério da Ciência e Tecnologia, Centro de Estudos Estratégicos, 2001a.

BRASIL, Constituições Brasileiras: 1891. vol. II. Brasília: Senado Federal e Ministério da Ciência e Tecnologia, Centro de Estudos Estratégicos, 2001b.

BRASIL, Constituições Brasileiras: 1934. vol. III. Brasília: Senado Federal e Ministério da Ciência e Tecnologia, Centro de Estudos Estratégicos, 2001c.

BRASIL, Constituições Brasileiras: 1937. vol. IV. Brasília: Senado Federal e Ministério da Ciência e Tecnologia, Centro de Estudos Estratégicos, 2001d.

BRASIL, Constituições Brasileiras: 1946. vol. V. Brasília: Senado Federal e Ministério da Ciência e Tecnologia, Centro de Estudos Estratégicos, 2001e.

BRASIL. **LDB, Leis de Diretrizes e Base nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm) acessado em: 12 maio 2023.

BRASIL, **Lei Federal, Nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Disponível em: <https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=LEI&numero=10639&ano=2003&ato=431MTTq10dRpWTbf4> Acesso em: 06 jan. 2022.

BRASIL, **Lei Federal, Nº 12.288 20 de julho de 2010**. Estatuto da Igualdade Racial Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2007-2010/2010/lei/l12288.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2010/lei/l12288.htm) . Acesso em: 25 jan. 2022



CARNEIRO, Aparecida Sueli, **A Construção do Outro como Não-Ser como fundamento do Ser**. Feusp, 2005. (Tese de doutorado). Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880> . Acesso em: 27 nov. 2021.



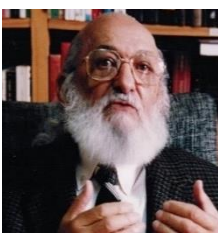
CARNEIRO, **Raça e educação por Sueli Carneiro**, 2000. Portal Geledés, Disponível em: <https://www.geledes.org.br/raca-e-educacao-por-sueli-carneiro/>. Acesso em 01 março de 2024.



CRENSHAW, Kimberlé. **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero**, tradução. Liane Schneider. Revista estudos feministas. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/mbTpP4SFXPnJZ397j8fSBQQ/?lang=pt>. Acesso em: 25 de março. 24.



EVARISTO, Conceição. Vozes-mulheres. Revista prosa, Verso e Arte. Disponível em: <https://www.revistaprosaversoearte.com/conceicao-evaristo-poemas/> Acesso em 29 de março. 24



FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade**, 56ª edição, editora Paz e Terra, Rio de Janeiro 2023.



GOMES, Nilma Lino. **Intelectuais negros e produção do conhecimento: algumas reflexões sobre a realidade brasileira**. In SANTOS, Boaventura de Souza; MENEZES, Maria Paula (Orgs.). Epistemologia do Sul. São Paulo Cortez, Rio de Janeiro. 2009, p. 419-442.



GONZALEZ, Lélia. **Primavera para as Rosas Negras- Lélia Gonzalez em primeira pessoa** coletânea organizada e editada pela UCPA união dos coletivos pan-africanistas. São Paulo, Diáspora africana 2018.

GREGÓRIO, Sérgio Biagi (organizador) **Dicionário de Filosofia**. Disponível em: <https://sites.google.com/view/sbgdicionariodefilosofia/p%C3%A1gina-inicial?authuser=0> acesso em: 15 nov. 2022.

IBGE, **Agência de Notícias 2023**, Editoria: IBGE | Caio Belandi e Irene Gomes | Arte: Jessica Cândido e Brisa Gil, 22/12/2023 10h00 | Atualizado em 26/01/2024, 10h26 - [https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38719-censo-2022-pela-primeira-vez-desde-1991-a-maior-parte-da-populacao-do-brasil-se-declara-parda#:~:text=Desde%201991%2C%20esse%20contingente%20n%C3%A3o,amarelas%20\(0%2C4%25\)](https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38719-censo-2022-pela-primeira-vez-desde-1991-a-maior-parte-da-populacao-do-brasil-se-declara-parda#:~:text=Desde%201991%2C%20esse%20contingente%20n%C3%A3o,amarelas%20(0%2C4%25)) , acesso em 29 jan. 2023

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Censo 2022, **População por cor ou raça Brasil**, disponível em: [https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/?utm\\_source=ibge&utm\\_medium=home&utm\\_campaign=portal](https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/?utm_source=ibge&utm_medium=home&utm_campaign=portal) , acesso em 29 jan. 2023.

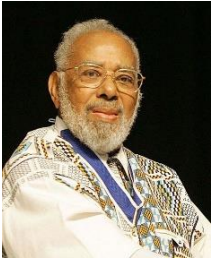


KILOMBA, Grada, **Memórias da plantação, episódios de racismo cotidiano**. Editora Cobogó, Tradução: Jessica Oliveira. 1ª edição Rio de Janeiro 2019.

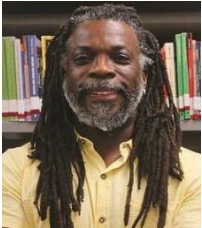


MANO A MANO, **Podcast com Sueli Carneiro** – 2022, Spotify, disponível em: <https://open.spotify.com/episode/2eTloWb3Nrijmog0RkUnCPr>. Acesso em 20 dez. 2024.

MELO, Josimeire Medeiros Silveira de. **História da Educação no Brasil**. Coordenação Cassandra Ribeiro Joye. - 2 ed. Fortaleza: UAB/IFCE, 2012.



NASCIMENTO, Abdias do, **O genocídio do Negro brasileiro, Processo de um Racismo Mascarado**, 1ª edição - editora Paz e Terra, Rio de Janeiro 1978.



NOGUEIRA, Renato; DUARTE, Valter; RIBEIRO, Marcelo dos Santos. **Afroperspectividade no ensino de filosofia: possibilidades da Lei 10.639/03 diante do desinteresse e do racismo epistêmico**. O que nos faz pensar, Rio de Janeiro, v. 28, n. 45, p. 434-451. 2019.

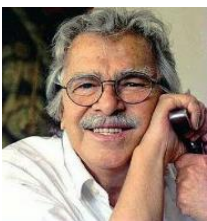
OLIVEIRA, Lidia Regina Figueiredo de et al. **Educação para negros no Brasil: um contexto histórico**. VII CONEDU - Conedu em Casa. Editora Realize - Campina Grande 2021- Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/79709> , acesso em: 21 jan. 2024.



QUEIROZ M.I.P de. (2014). **Educação como uma forma de colonialismo**. Cadernos CERU, 25(1), 19-32. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ceru/article/view/89146> , acesso em 08 jan. 2024.



RAMOSE, M. B. **Sobre a Legitimidade e o Estudo da Filosofia Africana**. On the legitimacy and study of African Philosophy, Ensaios Filosóficos, Volume IV. Tradução Dirce Eleonora Nigro Solis, Rafael Medina Lopes, Roberta Ribeiro Cassiano. -. University of South Africa, Pretoria, outubro/2011.



RIBEIRO, Darcy. **Educação falha ou indisponível** " In: Anais da 29ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), 1977", Revista SBPC(2018), Disponível em: <http://portal.sbpnet.org.br/noticias/educacao-falha-ou-indisponivel/> acesso em 20 março. 2024.



RIBEIRO. Djamila, **O que é Lugar de Fala?** Editora Letramento, Coleção Feminismos Plurais, Minas Gerais, 2017.



RIBEIRO, Stephanie, **DOSSIÊ: FALAS E FALHAS DA UNIVERSIDADE O negro e a Universidade: o que posso falar disso**, edição 2 - REVISTA DR. 2015. Disponível em: <https://revistadr.com.br/posts/o-negro-e-a-universidade-o-que-posso-falar-disso/>, acesso em 06 fev. 2024.



SANTOS, Boa Ventura de Sousa, MENEZES, Maria de Paula, **Epistemologias do Sul**. Org. Boa Ventura de Sousa Santos e Maria de Paula Menezes - editora. Edições Almedina. S/A Rio de Janeiro 2009.



SANTOS, S. Boaventura. *Pela Mão de Alice*. São Paulo: Cortez Editora, 1995 acessado. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=4079253&forceview=1> em 06 abr. 2024.

UNILA, Universidade Federal da Integração Latino-Americana. **Projeto Pedagógico do Curso (PPC) de Filosofia-Licenciatura**, Foz do Iguaçu: 2018. Disponível em: <https://portal.unila.edu.br/graduacao/filosofia/ppc>. Acesso em 11 out. 2023.



WOODSON, Carter Godwin. **A deseducação do negro**. Tradução e notas de Naia Venerand; prefácio Emicida, Edipro, São Paulo, 2021.